



COMUNICAÇÃO POPULAR NO SEMIÁRIDO

Um caminho para o fortalecimento da denúncia,
da resistência e da luta por mais qualidade de vida

COMUNICAÇÃO POPULAR NO SEMIÁRIDO

Um caminho para o fortalecimento da denúncia,
da resistência e da luta por mais qualidade de vida



Recife, 2018

**Realização**

Articulação Semiárido Brasileiro (ASA)

Produção

Assessoria de Comunicação da ASA (ASACom)
e Rede de Comunicadores e Comunicadoras da ASA

Coordenadora de Comunicação

Fernanda Cruz - DRT/PE 3367

Assessora da coordenação de comunicação

Gleiceani Nogueira - DRT/PE 3837

Jornalistas

Verônica Pragana - DRT/PE 2923

Hugo de Lima

Elka Macedo - DRT/BA 4280

Texto

Ana Célia Floriano - DRT/PE 2356

Relatoria dos Encontros Regionais

Antônia Iva Ferreira Melo

Revisão de Texto

Neide Mendonça

Ilustrações

Ricardo Wagner

Projeto gráfico

ZdiZain Comunicação

Impressão

Gráfica JB

Articulação Semiárido Brasileiro (ASA)

Rua Monte Alverne, 287, Recife-PE CEP: 52.041-610

Telefone: (81) 2121.7666 / Fax: (81) 2121.7629

asacom@asabrasil.org.br – www.asabrasil.org.br

Facebook.com/articulacaosemiario

Twitter: @asa_brasil

APRESENTAÇÃO

Quando a ASA (Articulação Semiárido Brasileiro) foi criada, em 1999, junto com ela nascia a proposta de se lançar um novo olhar para o Semiárido. Em vez de um olhar de pena e de assistencialismo, um olhar para as pessoas fortes, para a vida e a beleza da região. Essas imagens positivas, então, foram tomando forma, por meio de uma comunicação plural, com diferentes cores e sentidos. A imagem de terra rachada e gado morto não deixou de existir, mas passou a dividir espaço com imagens de um povo com sorriso largo, esperançoso, resistente, lutador e de um sertão produtivo; hora cinza, hora verde, mas sempre belo.

A ASA acredita no poder dessa comunicação que não apenas informa, mas mobiliza pessoas e é capaz de defender uma causa e projetar uma ideia do povo para o povo. Por isso, ao longo de sua trajetória, vem investindo numa comunicação para além do instrumental, focada em formações, oficinas, sistematizações de experiências, valorização da cultura local e, sobretudo, no trabalho em rede. Uma comunicação que expressa e fortalece o que é desenvolvido pelas comunidades, experiências que vêm sendo reconhecidas pela sua importância e multiplicadas Semiárido afora.

Em oficinas regionais, em 2017 e 2018, envolvendo representantes de todos os estados do Semiárido brasileiro, foi aberta uma escuta ainda mais focada sobre essas experiências de comunicação popular no Semiárido. E, desses múltiplos diálogos, surgiu esta cartilha, que contou com a contribuição de muitas mãos, olhos e mentes.

Esperamos que esta publicação possa inspirar mulheres, homens, jovens, indígenas, quilombolas, suas comunidades e/ou suas organizações a pensarem a comunicação de uma outra forma, e a comunicar de um outro jeito: o seu jeito! Isso é o que chamamos de comunicação popular! Afinal, não há como falar em convivência com o Semiárido sem valorizar essa comunicação que acontece no lugar de viver, produzir e reproduzir das famílias dessa região.



VAMOS PROSEAR UM POUCO
SE ACHEGUE PRA ESCUTAR
SOBRE A COMUNICAÇÃO
TENHO HISTÓRIA PRA CONTAR
FEITA PELOS MOVIMENTOS
DE UM JEITO POPULAR

CADA UM CONTA A HISTÓRIA
DE UM JEITO DIFERENTE
COMO A COMUNICAÇÃO
MUDA A VIDA DA GENTE
CLAREANDO OS CAMINHOS
PLANTANDO NOVA SEMENTE

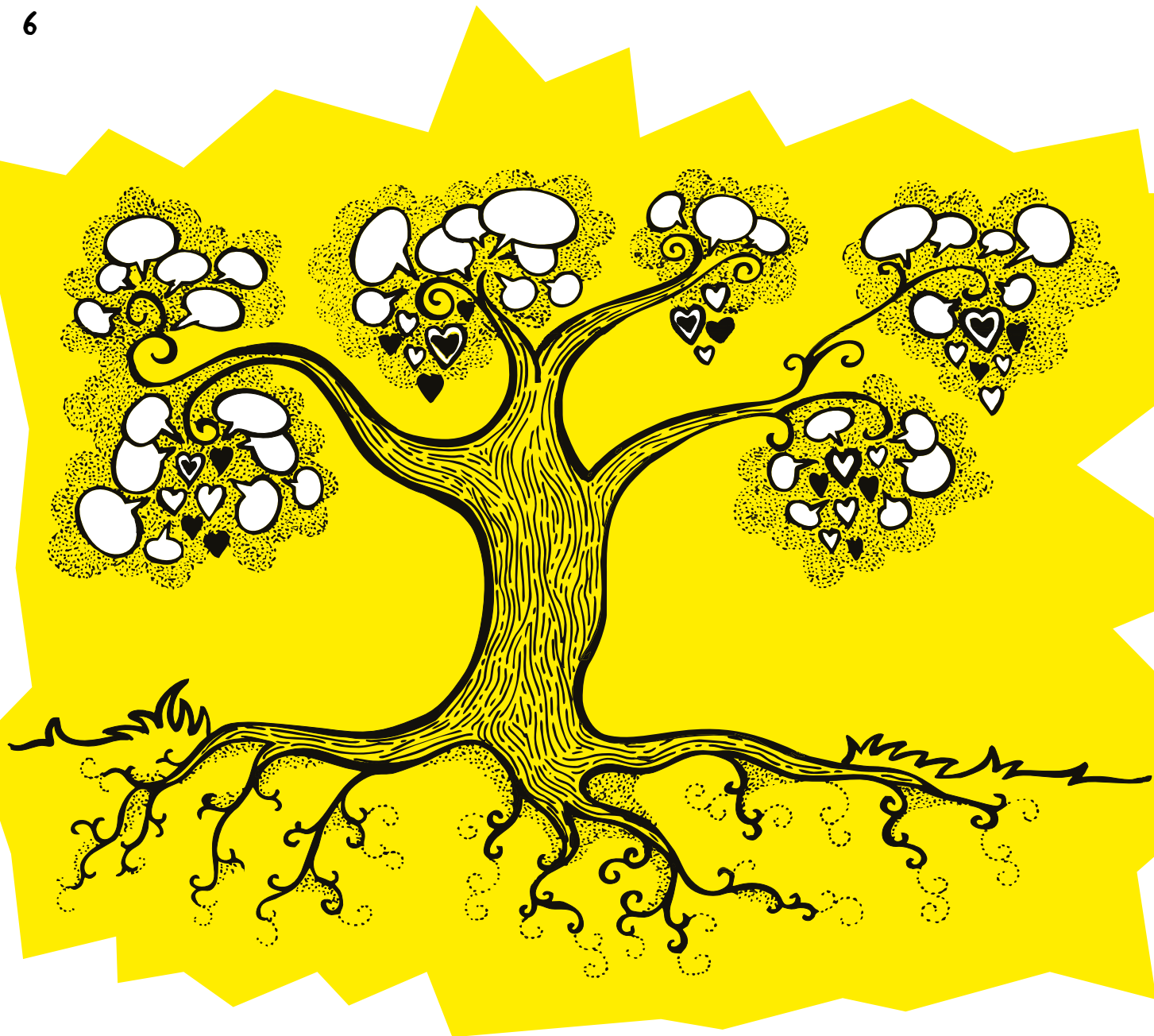
NO COMEÇO FOI A LUTA
PRO DIREITO CONQUISTAR
DENUNCIAR INJUSTIÇAS
DE CONVIVÊNCIA FALAR
TERRA, ÁGUA PRA BEBER
E PRODUÇÃO FAMILIAR

COMUNICAR SEMPRE FOI
UMA AÇÃO DE RESISTÊNCIA
ESTRATÉGIAS E CONQUISTAS
E TAMBÉM DE CONVIVÊNCIA
PELAS ORGANIZAÇÕES
FEITO COM EFERVESCÊNCIA

É PRECISO COMUNICAR
DIGO COM TODA RAZÃO
POR SER UM DIREITO HUMANO
UM DIREITO À INFORMAÇÃO
E AGORA É SÓ GRITAR
VIVA A COMUNICAÇÃO!

Trechos do Cordel do poeta Fran Paulo,
comunicador e colaborador da Rede de
Comunicadores/as da ASA no Ceará





UMA COMUNICAÇÃO A SERVIÇO DA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

“O chão dá, se a gente plantar. Se a gente não planta, o chão não dá”. O Semiárido brasileiro é espaço de vida. Tem gente forte e trabalhadora, que resiste; tem terra ardente, “doida” para produzir; tem planta; tem animal; tem riqueza cultural. Esse cenário tão belo vem sendo revelado, com mais força, há quase 20 anos, quando o termo “convivência com o Semiárido” passou a fazer parte da “cartilha” da sociedade e dos governos, depois de muita luta dos agricultores e das agricultoras familiares da região e de organizações sociais, muitas delas, integrantes de uma articulação, a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). Isso porque, num passado não muito distante, essa região era vista e divulgada como uma terra destinada à extrema pobreza, dependente de ajuda externa e lugar de um povo sem valor.

O surgimento da ASA foi motivado por um desejo coletivo de construir novas formas de organização, que contribuíssem para o desenvolvimento de políticas públicas adequadas à realidade do Semiárido. Nessa caminhada, o direito à água ganha o centro das atenções, mas, com ele, são abertas janelas para a luta pela garantia de outros direitos, entre eles, o direito à terra, ao território, à segurança alimentar e à comunicação.

A Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) é uma rede formada por organizações da sociedade civil, que atuam na criação, na gestão e no desenvolvimento de políticas de convivência com o Semiárido.

Sua ação se materializa nas comunidades, por meio de experiências agroecológicas que envolvem a captação de água de chuva, o cultivo e multiplicação de sementes crioulas, a implementação e o cuidado com os quintais produtivos, o manejo dos recursos naturais e a comercialização, entre outras.

Essas práticas são impulsionadas pelos Programas de Formação e Mobilização Social para a Convivência com o Semiárido: Um Milhão de Cisternas (P1MC), Uma Terra e Duas Águas (P1+2), Cisternas nas Escolas e Sementes do Semiárido.

“Sonhamos com o dia em que nosso povo exerça o seu direito de comunicar com a mesma autonomia, força e resistência com que constrói sua história de convivência com o Semiárido”.

Esse é um trecho da Carta Política do VIII Encontro Nacional da ASA - EnconASA -, ocorrido em Minas Gerais, em 2012, um marco no reconhecimento e valorização da comunicação como estratégia política para a convivência com o Semiárido brasileiro.

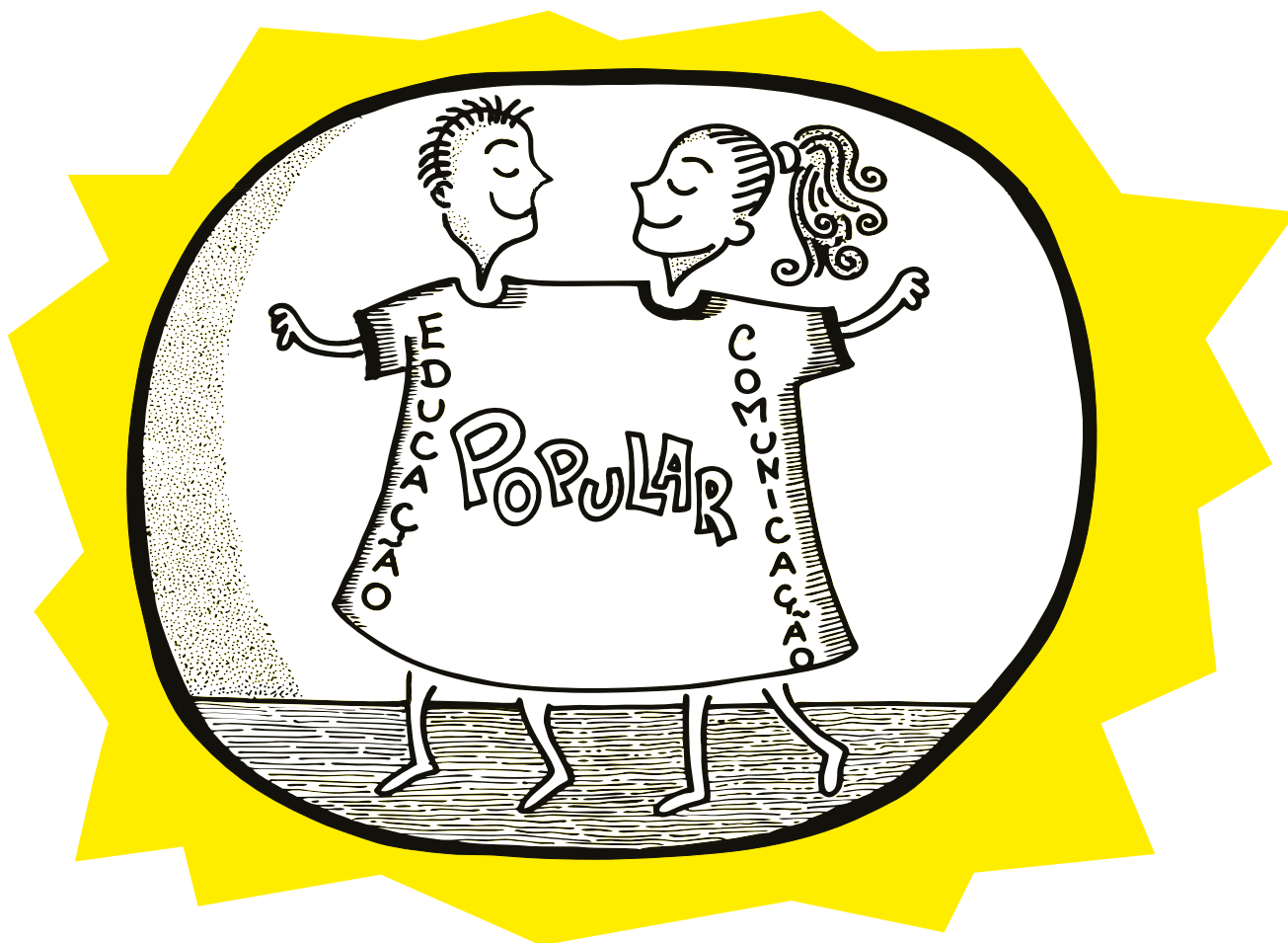
Com a criação do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), em 1999, é iniciada a construção, mesmo que de forma bastante embrionária, de um elo entre a pauta da convivência com o Semiárido e o direito à comunicação, que foi se materializando e se fortalecendo pouco a pouco, nos processos de mobilização social e participação cidadã. Embora esse fazer ainda não fosse reconhecido como um exercício do direito à comunicação, ele foi protagonizado por homens e mulheres de diversas regiões e territórios do Semiárido.

Nessa caminhada, as ações de comunicação têm contribuído com a construção de diálogos, nas comunidades, sobre a realidade das famílias, buscando caminhos para superar os desafios a partir do potencial das pessoas daquele local e com os instrumentos que estão ali, bem no entorno. Esse jeito de fazer é orientado pelos princípios da Educação e da Comunicação Popular, pois têm como base a certeza de que os processos de transformação, para serem reais, devem nascer dentro das próprias comunidades, sendo protagonizados por quem deseja fazer essas transformações.

A metodologia dos programas da ASA tem favorecido a troca de conhecimentos entre agricultores e agricultoras, por meio da criação de espaços como feiras, encontros, intercâmbios e atividades de sistematização das experiências das famílias. Dentro desse contexto, são criados,

a todo o momento, novos canais para a troca de saberes, assim como são revisitadas práticas e valores que se enraizaram Semiárido afora.

Mesmo com a comunicação da ASA estando a serviço do povo do Semiárido, anunciando suas belezas, desejos e sonhos, e denunciando as opressões e conflitos, os desafios são muitos. O entendimento da comunicação como direito das pessoas existe, em certa medida, nas ações que são promovidas junto às famílias. No entanto a compreensão de que os direitos são inseparáveis e que, por isso, precisamos lutar pelo direito à comunicação tanto quanto defendemos a terra e a água, ainda é algo que precisa ser amadurecido.



OS MUITOS ROSTOS DA COMUNICAÇÃO NO SEMIÁRIDO

Se a base da convivência com o Semiárido são as pessoas, a comunicação feita nessa região tem o papel de trazer para o centro da roda a valorização da identidade desses sujeitos; reconhecendo a diversidade existente e contribuindo para fazer ecoar as diferentes vozes.



**SOZINHA/O ME COMUNICO,
MAS COM VOCÊ ME COMUNICO MELHOR**

Nessa comunicação, antes de tudo, tem sido fundamental entender que os povos não necessitam de uma voz. Isso, eles já possuem. Eles já contam suas histórias de vida. O que eles precisam é de ouvidos sensíveis e comprometidos e de espaços capazes de propagar, com respeito e dignidade, essas histórias.

Nessa comunicação existente no Semiárido, as famílias, muitas vezes, com o apoio de organizações que integram a ASA, têm compreendido a importância de resgatar e valorizar sua identidade como sujeito político, capaz de transformar a sua vida e a realidade do meio onde vivem.

Essas experiências permitem que os próprios sujeitos protagonizem a comunicação de suas vivências. No entanto isso não quer dizer, necessariamente, que haja a compreensão de que esse é um direito que deveria ser garantido a todas as pessoas.

Uma rede – Com simplicidade, uma rede tem se organizado e os nós dessa trama se multiplicam. Agricultores, jovens, negros, mulheres, povos tradicionais, comunidades indígenas e tantos outros sujeitos, que estão fazendo comunicação no espaço comunitário, têm percebido a força e a importância de se expressarem a partir do seu espaço de produção, do seu espaço de luta.

A Rede de Comunicadores e Comunicadoras Populares da ASA surgiu em 2007, com a criação do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2). Ela se organiza nos diversos territórios de atuação do Programa, desenvolvendo processos de comunicação junto às organizações que compõem a ASA e às comunidades, contribuindo, assim, com a visibilização de um Semiárido diverso e plural. No decorrer dos anos, essa Rede tem se ampliado e se conectado a outros grupos, agregando comunicadores e comunicadoras populares vinculados a outros projetos, movimentos e organizações, qualificando-se, ainda mais, como um coletivo plural, que vem construindo a identidade de Rede de Comunicação Popular do Semiárido.

Isso porque a comunicação popular potencializa a capacidade de organização dos diferentes sujeitos. Tem gente no Semiárido deste país que já afirma com toda propriedade: “O ‘problema’ foi depois que eu descobri a consciência. Depois da consciência, eu já não consigo ficar calada”.

Por meio da comunicação popular, as famílias agricultoras e comunidades tradicionais têm reelaborado a imagem de si mesmas, ampliando a sua atuação como sujeito político. Isso tem possibilitado que elas desconstruam as imagens criadas pela grande mídia, tanto em relação a sua região (o Semiárido), quanto a elas mesmas. Assim, essas pessoas têm percebido o quanto a sua atividade, aquilo que eles estão fazendo lá no seu canto, e a sua cultura são importantes socialmente, ambientalmente e economicamente para o país.

Essas expressões, que saem das comunidades e chegam a ambientes ainda mais distantes, têm possibilitado que outras pessoas passem a enxergar a agricultura agroecológica camponesa e o Semiárido como valiosos. Mesmo sabendo que essa comunicação ainda não atinge um número tão grande da população em comparação com os meios de comunicação da grande mídia, é preciso comemorar.

São essas experiências que têm contribuído, entre outras questões, para a permanência dos jovens no campo e para o fortalecimento do processo organizativo das mulheres, que têm, cada vez mais, tomado a frente de muitas manifestações, enfrentando o discurso de intolerância e de medo, além da cultura machista.

Nesse caminho da Convivência com Semiárido, o empoderamento das pessoas faz toda a diferença. Isso porque, quando elas se sentem protagonistas do processo, essa comunicação tem uma outra razão de ser. Na pluralidade de sujeitos, da cultura, de formas de atuação e de vivência com a comunicação popular, o Semiárido vai fortalecendo seus caminhos de denúncia, de resistência e de luta por mais qualidade de vida.

A COMUNICAÇÃO POPULAR ACONTECE EM TODO CANTO, POIS TODO ELE GUARDA O SEU ENCANTO

Qualquer lugar serve como espaço de aconchego para o povo do Semiárido prosear. Ali, bem do lado da cisterna que está sendo construída, nascem também diálogos importantes para a vida das pessoas dessa região. Não precisa de televisão para dar o tom da conversa. São as experiências de cada um e cada uma, que saem mostrando os desafios das famílias e, muitas vezes, naquela mesma conversa, são encontradas as soluções para a superação desses desafios. Alguém tem dúvida que isso é comunicação popular?



E é essa comunicação, feita de um jeito simples, mas com muito cuidado e dedicação, que promove as grandes transformações. Debaixo de uma árvore dos sítios e assentamentos, no momento da plantação e da colheita, na porta da igreja, nas reuniões das associações, na feira, nas rádios comunitárias, nos intercâmbios, em todos os espaços, a comunicação acontece. Ali, os diferentes saberes são valorizados e, juntando vários deles, os conhecimentos são ampliados. Nada vem pronto e embalado só para consumo, como acontece com a comunicação que é feita pela grande mídia (televisões, jornais, revistas, rádios comerciais).

Nesses espaços de fala e escuta, as vozes das mulheres, homens, pessoas idosas e jovens dessa região ganham mais amplitude, e suas histórias e saberes vão cada vez mais longe.

Nos diferentes estados do Semiárido, muitas dessas pessoas já contaram, e ainda contam, suas experiências, por meio das diferentes formas de sistematização utilizados pela ASA, a exemplo de vídeos, publicações, programas de rádio e do boletim “O Candeeiro”.

Nesses veículos, estão registrados o jeito de as famílias produzirem, com seus desafios e conquistas, bem como questões relacionadas ao acesso à água e à terra, às formas de comercialização, à cultura e outras tantas. Na verdade, eles expressam os caminhos que essas populações trilham na luta por mais qualidade de vida e que podem ser inspiradores.

Tudo isso sem contar que essas pessoas ocupam as ruas e palcos, nos atos públicos; estão presentes nos espaços das redes sociais; dão entrevistas para programas de rádio e televisão; e participam, como expositoras, de seminários e diferentes eventos, buscando expressar as barreiras existentes em suas vidas, mas, especialmente, mostrando suas formas de resistência, seus sonhos, desejos e um jeito especial de conviver com o Semiárido.

A DIVERSIDADE DAS EXPERIÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO, PORQUE SÃO DIVERSAS AS EXPERIÊNCIAS DE CONVIVÊNCIA

Não tem como falar com as famílias de convivência com o Semiárido, falando só sobre o direito à água. Não se pode esquecer que, juntinho com essa luta, estão também as lutas pelo acesso à alimentação adequada, à terra, à moradia, à educação contextualizada à realidade do campo, às condições para a produção e comercialização e à comunicação, entre outras. Afinal, como dizer que a população tem que lutar por esses direitos se ela não tiver o direito à fala, à expressão dessa luta?

Nessa caminhada, a comunicação, por seu poder mobilizador, fortalece os processos de convivência com o Semiárido; e as experiências de convivência fortalecem e ampliam a voz dos agricultores e das agricultoras, fazendo acontecer assim o direito à comunicação.

Na diversidade da vivência das famílias dessa região e das organizações que integram a ASA, uma coisa é certa: “todos e todas sabem a comunicação que querem promover”. Ou seja, têm claro que a comunicação pela convivência com o Semiárido deve ser pautada na luta das comunidades e povos tradicionais; precisa valorizar o ser e o fazer local; além de dialogar com outros grupos e redes de comunicação popular, do campo e da cidade, fortalecendo a luta política por uma comunicação como direito.

Uma característica da caatinga é que, em épocas de seca, as folhas caem, e, por isso, muita gente já acha que ela morreu. Mas, basta um chuvisco e tudo volta a esverdear. Assim também são as experiências de comunicação no Semiárido: elas trazem, em sua essência, histórias de luta das famílias, contadas por elas mesmas, mostrando que, apesar das dificuldades com a criminalização e a violação de muitos dos seus direitos, as pessoas têm se fortalecido no espaço de suas comunidades, aprendendo a perceber os “chuviscos que ali existem” e, com muita criatividade, fazem florescer várias coisas boas.



É uma forma de comunicação que se contrapõe ao modelo instalado pela grande mídia, utilizando novas linguagens e novos meios, mas também bebendo da fonte do que não é tão novo assim; valorizando desde a roda de conversa que acontece ali no terreiro, até a possibilidade de postar na internet um vídeo feito a partir de um celular.

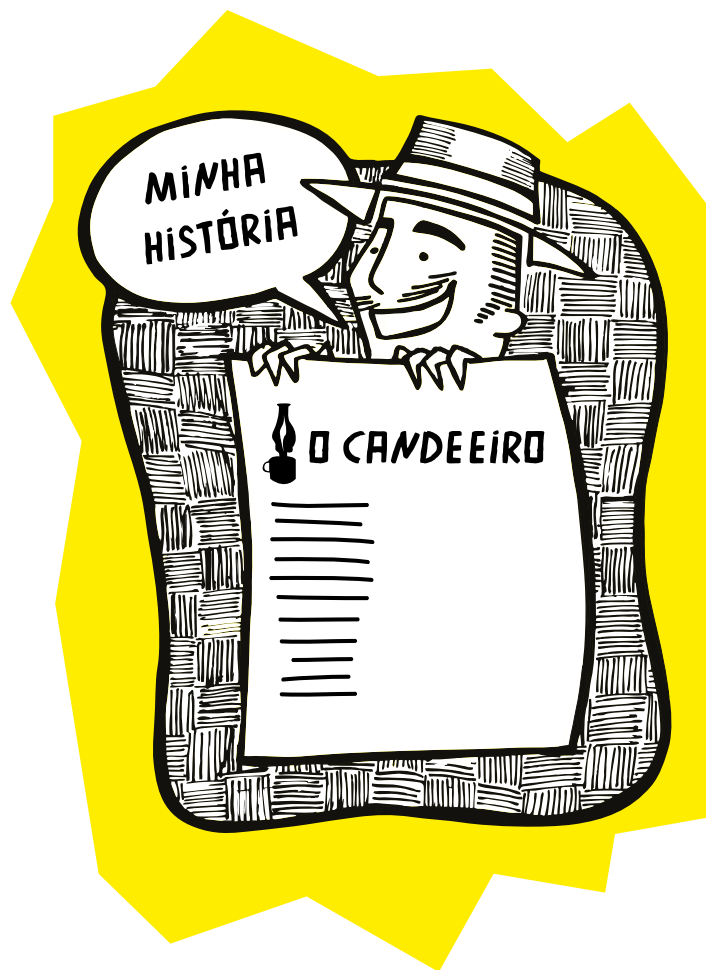
Nessas experiências, as famílias vão descobrindo que não há necessidade de formação acadêmica para ocupar uma rádio; não precisa ter voz ou o rosto padrão de televisão para produzir vídeos. E outra coisa importante em tudo isso é que a apropriação desses instrumentos para disseminar suas histórias, mesmo que localmente, também é uma forma de resistir.

AS EXPRESSÕES: UM JEITO BOM DE COMUNICAR

Essa comunicação feita pelos agricultores e agricultoras familiares, comunidades tradicionais e povos indígenas, em muitos momentos apoiada pela Rede de Comunicadores/as do Semiárido e por instituições que integram a ASA, não tem fórmula, receita. Ela é diversa. E, nessa diversidade, a cultura e a arte ocupam um importante espaço. Como disse uma comunicadora popular: “As experiências trazem linguagens muito diferentes, mas têm em comum a presença de ‘uma comunicação que ganha corações’. Há uma mística própria, dentro de cada ação, comprometida com a luta dos povos”.

É impossível elencar os diferentes meios que são utilizados por esse povo para expressar o seu jeito de conviver com o Semiárido. São tantas as formas de fazer essa comunicação popular, que fica difícil sistematizá-las. No entanto vale lembrar algumas delas somente para inspirar outros fazeres.

Na contação de histórias, por exemplo, em vez de utilizar os contos de fadas, que são carregados de preconceitos e conceitos criados pela elite e pelo patriarcado, há experiências na região que usam como base as histórias de vida de agricultores e agricultoras do Semiárido, contadas pelo boletim “O Candeeiro”. Essa é uma estratégia que faz com que as famílias vejam a beleza e a magia de suas vidas, que não trazem seres encantados, mas que



O Teatro do Oprimido (TO) é uma metodologia criada por Augusto Boal nos anos de 1960, que pretende usar o teatro como ferramenta de trabalho político, social, ético e estético, contribuindo para a transformação da realidade social.

encantam, emocionam e seduzem. Nesse momento, há também um rico resgate da tradição oral.

O teatro, especialmente o do Oprimido, também tem sido um meio importante para o fortalecimento de debates junto às populações do Semiárido. Ele contribui para que sejam tratados, com leveza e de forma lúdica, assuntos densos dos quais, algumas vezes, a sociedade foge do enfrentamento. Tudo isso sem perder a seriedade e o compromisso político com a abordagem. Em alguns locais, tal estratégia tem sido primordial para abrir diálogos fundamentais e conseguir chegar às pessoas.

Essa comunicação, realizada a partir da cultura popular, traz para a roda a xilogravura, a poesia, o cordel, mas também a produção de boletins, cartilhas, fanzines. Alguns desses disponibilizados por pessoas da própria comunidade, nas redes sociais, abrindo uma janela para que o mundo conheça essas experiências e elas saiam da invisibilidade.

Nessa busca dos meios mais adequados, comunidades tradicionais e povos indígenas têm produzido audiovisuais e fotografias como instrumentos de manutenção de seus costumes e para a comunicação interna e externa de suas histórias de lutas e conquistas.

Na rádio poste ou na rádio comunitária, as vozes dos povos do Semiárido chegam ainda mais longe, com programas que trazem a realidade de suas comunidades, seus temas de interesse. As pautas surgem, na maioria das vezes, nas reuniões da associação, nas rodas de diálogo da juventude, nos grupos de mulheres.

Muitas das notícias veiculadas nesses programas têm como fonte os conteúdos divulgados nos meios de comunicação da ASA e de outros movimentos e organizações sociais. Os assuntos trazem uma visão mais próxima dos interesses do povo, mantendo o foco das experiências, que são denúncia, mas também anúncio, sempre na perspectiva



Os veículos de comunicação da ASA são alimentados com informações das comunidades e territórios do Semiárido, a partir da contribuição da Rede de Comunicadores/as Populares.

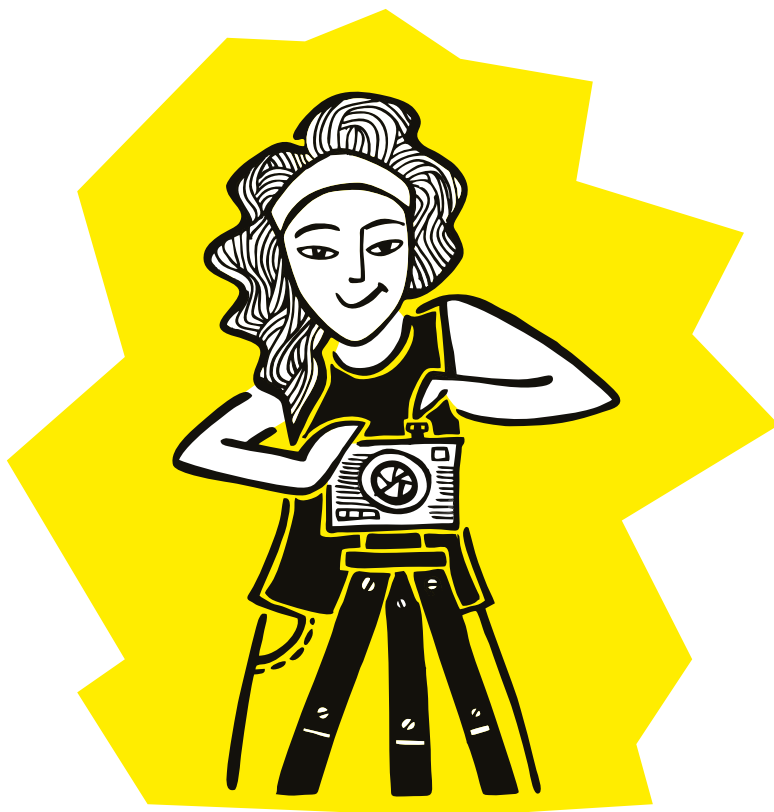
Um exemplo é o programa radiofônico “Riquezas da Caatinga”, disponibilizado para todas as regiões, porém com maior foco no Semiárido.

O objetivo do programa é divulgar a proposta política da convivência com o Semiárido.

Esses produtos de áudio valorizam a sabedoria das famílias camponesas, debatem e defendem políticas públicas para a região e apresentam as belezas e singularidades dos biomas Caatinga e Cerrado. (<http://www.asabrasil.org.br/radio-asa/riquezas-da-caatinga>)

do empoderamento comunitário. Um real contraponto àquilo que os grandes meios de comunicação falam do Semiárido.

Algumas iniciativas também envolvem crianças e adolescentes, mobilizados por **rodas de leitura e debates**; e estimulam a organização das mulheres, a partir da comercialização de seus produtos artesanais em **feiras locais**, que são importantes espaços de comunicação dessa cultura. Tudo isso com respeito à organização comunitária e trabalhando com os meios existentes.



Os intercâmbios são espaços de comunicação entre agricultores e agricultoras familiares e outros sujeitos do Semiárido. Eles aproximam as famílias de outros contextos e públicos (em alguns deles, estão presentes técnicos/as, educadores/as e estudantes), promovendo momentos de discussão, que trazem à tona, além das trocas entre os/as agricultores/as, o diálogo entre os saberes tradicionais e o saber acadêmico, possibilitando a ampliação de conhecimentos, que têm como ponto de partida as experiências desenvolvidas nas propriedades visitadas.

Os intercâmbios têm contribuído para valorizar e dar visibilidade às práticas adotadas por agricultores e agricultoras familiares, na solução de uma diversidade de desafios por eles/as enfrentados. Esses momentos reforçam, ainda, as parcerias, e proporcionam maior vivência das entidades com a realidade dos/as agricultores/as, o que potencializa futuras ações na região.





OS TEMAS DO NOSSO PROSEAR E AS NOSSAS LUTAS

“A mídia que aliena, aumenta a repressão. Estamos aqui por outra comunicação”.

Nessa comunicação popular a serviço da convivência com o Semiárido, a promoção de debates sobre temas estruturantes para a vida das comunidades contribui para que as pessoas que vivem nesses espaços se identifiquem como sujeitos políticos capazes de fazer importantes intervenções, mesmo diante das diferentes ameaças conjunturais. Porém a escolha dos assuntos a serem tratados precisa se dar, sempre, a partir da realidade e das demandas de cada comunidade.

Agroecologia X agricultura tradicional, sucessão rural, economia solidária, luta pela terra, feminismo, machismo, LGBTfobias, realidades e desafios das comunidades tradicionais e das organizações de mulheres e jovens e comunicação como direito podem ser algumas das pautas dessas discussões.

A forma de tratar esses temas, a partir das vivências locais, dos exemplos próximos, dos sentimentos e percepções das famílias, traz uma riqueza sem tamanho. Isso faz com que

as transformações ocorram de modo natural e sejam assumidas por todos e todas que integram a comunidade.

Evidenciar as formas de resistência da própria comunidade, apesar de seus medos e apreensões, também fortalece a caminhada, mostrando que não há uma passividade, como a grande mídia tenta fazer a sociedade acreditar. Nesse sentido, é necessário, ainda, refletir com a comunidade o que está por trás de cada momento conjuntural do País, e como ele repercute nas ações de convivência com o Semiárido; como impacta naquela localidade, qual o interesse da grande mídia com o que é veiculado, quais direitos dos homens e mulheres do campo e da cidade estão sendo ameaçados, e quais são os projetos em disputa.

Esses debates contribuem para manter as comunidades organizadas, mobilizadas e vigilantes. Nesse caminho, a comunicação popular se compromete com a construção de novas estratégias e de novas parcerias para fortalecer o projeto de uma sociedade mais justa.

O DESAFIO DE AMPLIAR O FOCO

Na caminhada da convivência com o Semiárido, a comunicação popular tem um papel importante na escuta e revelação de diferentes vozes desde sempre caladas, invisibilizadas. Observa-se, nessa prática, um olhar sensível para a necessidade de avançar na disseminação de valores, como a tolerância e o respeito às diferenças, e na reafirmação de posturas contra a homofobia, o feminicídio, o preconceito e o machismo.

Há um esforço para que a comunicação promovida seja mais sensível a determinadas pautas que não encontram lugar na mídia hegemônica, e acolha as histórias de vida das pessoas, respeitando todas as suas especificidades.

No entanto a comunicação popular guarda suas contradições, que demonstram os limites dos avanços falados acima. Dentro da produção de conteúdo, há temas importantes para a luta das mulheres, que poderiam ter mais visibilidade, como a superação da violência dentro de suas próprias casas. Outra temática



que merece ainda mais luz é a realidade de jovens homossexuais ou com outras sexualidades, que têm saído do campo por não serem aceitos em sua comunidade, indo buscar um espaço que respeite sua identidade.

O que se percebe é que, no que diz respeito ao tema da violência contra a mulher, por exemplo, ele até aparece algumas vezes, mas nem sempre indicando formas de enfrentamento. Não se traz à tona o feminicídio no campo, orientando as pessoas a denunciarem.

Os assuntos relacionados às populações LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) também não aparecem muito. Muitas vezes, as famílias homoafetivas do campo são tratadas como amigos e amigas, não como casais. E é bem possível que, sequer, seja perguntado a elas se preferem ser vistas nessa condição de amizade. Porém fazer referência a sua situação de família leva a uma necessidade de discutir a invisibilidade dessas relações no campo, a falar sobre LGBTfobia, e nem sempre a comunidade está preparada para esse debate.

Já as comunidades tradicionais são muito citadas. Até há uma valorização do fazer e da identidade desses povos, mas se evita aprofundar questões como as religiões de matriz africana. E, quando isso acontece, essa comunicação popular acaba não cumprindo o seu papel de incluir, em suas pautas, a realidade vivenciada pela mãe de santo, a filha e o filho de santo, que estão lá, na comunidade, oprimidos no seu culto.

No geral, esses e outros temas costumam ser ‘pulados’ ou tratados com superficialidade, porque há uma tendência a não querer trabalhar com eles, esquecendo que fazer esse debate significa dar visibilidade a situações/conflitos, o que ajuda as famílias a refletirem sobre suas práticas e também favorece a construção de políticas públicas adequadas às necessidades desses diferentes sujeitos.

Porém vale destacar que essa não é uma postura de uma organização ou de um grupo de indivíduos, mas faz parte de uma cultura enraizada em nossa sociedade carregada de características homofóbicas, machistas, sexistas, heteronormativas, racistas e ultrapassadas, que só será rompida quando for trazido, para o centro do debate, um olhar cada vez mais diverso, que contribua com a composição de uma nova leitura de mundo, na qual a comunicação popular pode e tem sido uma grande aliada.

A consciência sobre a necessidade de aprofundar esses temas já é um passo importante para a transformação, para uma mudança de postura. É o que alguns chamam de cuidar das “novas narrativas”, que, na verdade, não são novas, mas começam a ser descortinadas e evidenciadas como essenciais para a convivência com o Semiárido. Isso porque, nessa região, não existe só produção de alimentos, luta pelo acesso à água, mas existe gente, cultura, luta por acesso a outros direitos e a busca de cada sujeito pelo direito de assumir a sua identidade.



DE MÃOS DADAS NUMA GRANDE RODA

Uma coisa que impulsiona a comunicação popular e a luta pelo direito à comunicação no Semiárido são as parcerias. Nessas articulações, a relação campo/cidade tem se ampliado, gerando grandes conexões, que possibilitam a construção de novos horizontes.

As pessoas e instituições começam a sair de suas caixinhas, articulando-se a outros coletivos que também estão discutindo a comunicação, ampliando a apropriação política e técnica desse tema, na perspectiva do fortalecimento dos processos de convivência.

Esses novos diálogos dentro do campo e na relação campo/cidade envolvem um número cada vez maior de organizações, entre as quais a Mídia Ninja, os Jornalistas Livres, o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), o Levante Popular da Juventude e muitas, muitas outras.

Apesar dos avanços, ainda há dificuldade de entendimento de algumas pessoas e instituições sobre como a comunicação em rede fortalece a caminhada. Isso tem sido um entrave para a potencialização das ações. Algumas se isolam em suas atividades, não ampliando o leque de relações, reduzindo, assim, a possibilidade de impacto sobre a realidade. Afinal, não é nova a expressão “juntos, somos mais fortes”.

Isso sem contar a extensão territorial de muitos estados do Semiárido, que tem desafiado o diálogo e o trabalho em rede, especialmente na promoção de ações conjuntas, muitas delas, no campo da comunicação. Junto a essas distâncias geográficas, estão os diversos modos de vida desses territórios, que exigem das instituições um esforço ainda maior na escolha das estratégias de diálogo mais adequadas com esse leque de diferenças.

Mas, mesmo com esses e outros tantos desafios, é preciso resistir e não desistir da luta coletiva. Pois de mãos dadas é mais fácil caminhar. Como disse Capiba: “Essa ciranda não é minha só. É de todos nós, é de todos nós... Pra se dançar ciranda, juntamos mão com mão, formando uma roda, cantando uma canção”.

HAVIA UMA PEDRA NO CAMINHO. NÃO, HAVIA MUITAS OUTRAS PEDRAS

As conquistas são muitas nessa comunicação popular que, a cada passo dado, fortalece a luta pela efetivação do direito à comunicação e outros direitos. Porém não há crescimento se, na caminhada, não forem percebidos claramente os desafios que precisam ser enfrentados, as ameaças existentes no entorno.

A ideologia por trás da política de comunicação existente no País, por exemplo, não é adequada aos povos do campo. Não há uma preocupação de ampliar a discussão junto às populações do que significa tratar a comunicação como um direito.

No caso das rádios comunitárias, que são importantes referências de comunicação popular no Semiárido, a legislação limita sua potência, restringindo o alcance de sua transmissão. Sem contar que, muitas delas são perseguidas por não terem a documentação para o funcionamento. Isso ocorre porque a burocracia existente tem o objetivo real de não favorecer a oficialização dessas rádios para o uso das comunidades.

Enquanto isso a concessão dos meios de comunicação por grandes grupos políticos vai se ampliando e ganham cada vez mais poder.

A política de comunicação do Brasil é caracterizada pela concentração (monopólio) dos veículos de comunicação de massa por grandes grupos políticos familiares, pelo avanço de grupos econômicos e religiosos sobre o esse setor, e pelo desmonte da comunicação pública. Tudo isso traz como consequência um jornalismo voltado para o interesse da elite conservadora do País, e a ameaça constante à liberdade de expressão e produção, além do acesso à informação.

As próprias rádios, que deveriam ser da comunidade, passam a ser coordenadas por políticos, empresários do agronegócio, igrejas, que usam da sua influência política para se apropriarem desses espaços.

A atual conjuntura também tem trazido contribuições bastante negativas e desafiadoras para as ações de convivência com o Semiárido. Há um novo momento de migração da juventude para os centros urbanos, por falta de oportunidades e políticas públicas que atendam suas necessidades no campo. Isso fragiliza muitas das ações no meio rural, que contavam com a participação direta desses/as jovens, inclusive na área da comunicação popular.

Outra questão importante a ser considerada é que o acesso à internet ainda é muito limitado nas áreas rurais, restringindo a capacidade das pessoas de se comunicarem. Além disso, um grande desafio é o uso, de forma crítica, das novas tecnologias, pelos agricultores e agricultoras familiares e comunidades tradicionais, objetivando que essas ferramentas sejam colocadas realmente a serviço dessas famílias e suas lutas. Essa preocupação surge, especialmente,



porque ainda é pouco aprofundado o fato de as redes sociais também serem monopolizadas por grupos econômicos, uma discussão que exige um amplo processo formativo, mostrando, inclusive, o quanto isso está ligado ao tema da segurança da informação.

A comunicação ser olhada ainda de forma muito instrumentalizada por alguns grupos, ou seja, pautada na confecção de materiais, na visibilidade de logomarcas das instituições é outra “pedra” no caminho. Isso porque, nesses casos, a comunicação institucional acaba se sobressaindo em relação à comunicação numa perspectiva mais mobilizadora, que é a base real da comunicação popular.

UM PASSO À FRENTE, E NÃO ESTAMOS NO MESMO LUGAR

Olhar para frente, depois de beber da fonte dessas experiências de comunicação popular no Semiárido não é tão difícil assim, não é mesmo? Elas parecem nos encorajar, animar, revitalizar as nossas forças. São como as sementes crioulas existentes na região, que podemos cuidar e plantar diariamente para que se tornem frutos de um novo olhar para o Semiárido.

Nessa forma de fazer a comunicação popular no Semiárido, um dos ensinamentos é a valorização da mística, que traz, em seus elementos, a diversidade do campo, do conhecimento das famílias agricultoras, o empoderamento das mulheres e da juventude, a união, a ousadia, o compromisso, a criatividade, a capacidade de se reinventar, a militância das pessoas, o respeito aos conhecimentos tradicionais e a necessidade de comunicar já.

É preciso fortalecer as iniciativas que estão sendo a base para que a comunicação popular aconteça, a exemplo dos intercâmbios; rodas de conversa; momentos de formação política; a auto-organização das mulheres

e dos jovens; a educação contextualizada; a disseminação da agroecologia como elemento fundamental para a soberania e segurança alimentar e para “um outro mundo possível”; a participação dos sujeitos do Semiárido nos fóruns e conselhos; a amplificação das vozes que estão sendo caladas pela sociedade.

Tudo isso pautado na compreensão de que fazer comunicação popular tem a ver com fazer com simplicidade e com os instrumentos disponíveis, mas não significa fazer de qualquer jeito, sem cuidado, sem carinho.

Outro passo importante no processo da comunicação popular é a ampliação do diálogo com diferentes atores do campo/cidade, de forma a contribuir para pautar a sociedade sobre as demandas dos diferentes sujeitos do Semiárido. Junto a essa articulação, vale reforçar a necessidade de se estar cada vez mais nas ruas, nas grandes mobilizações de massa em defesa dos direitos de trabalhadores e trabalhadoras rurais.

Se existe a consciência de que é preciso apostar numa comunicação que “democratiza o ar”, que leva a informação tanto ao campo quanto à cidade, que rompe barreiras, é necessário fortalecer a luta das rádios comunitárias. Da mesma forma, é fundamental valorizar, dar visibilidade, ajudar a multiplicar as experiências de comunicação, a partir de meios alternativos escolhidos pelas comunidades.

No entanto isso não pode fazer com que se perca de vista a disputa por espaço nos meios convencionais de rádio e TV, que são da população, pois são concessões públicas. Mesmo eles tendo sido concedidos a grupos econômicos, que têm feito uso desse espaço para atender a interesses próprios, a população precisa ocupá-los, só que buscando manter autonomia em relação ao conteúdo que se quer e é preciso comunicar.

Há necessidade também de fortalecer a Rede de Comunicadores/as do Semiárido, que vivencia um processo de consolidação e tem inspirado iniciativas em outras redes e articulações, mostrando que é possível fazer uma comunicação que mobiliza sujeitos diversos nesse processo de enfrentamento às situações de ameaça à vida no Semiárido.

A comunicação em rede é uma estratégia que fortalece e dá visibilidade às mulheres, aos homens, aos povos tradicionais, às comunidades indígenas e aos jovens agricultores/as como guardiões de muitas sementes boas, a exemplo de sua cultura e identidade.

“Comunicar, quando? Já, Já, Já!”





